

29º SIMPÓSIO ESPÍRITA “A LUZ DIVINA”

A OBRA DE ANDRÉ LUIZ

“AÇÃO E REAÇÃO”

06/04/2015

O ano de 1944 marca a estréia de André Luiz no mercado editorial espírita brasileiro, revolucionando, de certo modo, a concepção geral acerca da vida pós-túmulo. Suas obras descrevem as atividades nas cidades espirituais próximas a Terra.

Das 23 obras do autor, um conjunto de 16 obras ficou conhecido como “Série André Luiz”. Na verdade, 13 dessas obras foram denominadas pela FEB – Federação Espírita Brasileira de “Coleção A Vida no Mundo Espiritual”, por narrar experiências de André Luiz no plano espiritual. As três obras restantes são independentes e tratam de temas específicos.

Estes livros abriram portas até então cerradas, revelando vida e trabalho, continuidade e justiça onde imperavam dúvidas e suposições. Nas obras, fica muito claro que seremos aquilo que fomos na vida física, com as nossas virtudes e erros, e continuaremos os mesmos que éramos quando vivos, só que não poderemos mais nos esconder de nós mesmos, pois viveremos a realidade que nossa mente criou.

Em verdade ao conhecermos melhor o que nos espera após a morte, seremos, em relação ao próximo ou ao meio em que vivemos mais fraternos e tolerantes, pois como disse Jesus Cristo em suas diversas parábolas:

“Quem tem Olhos de Ver, Veja; Quem tem Ouvidos de Ouvir, Ouça”.

Certo dia, um espírito apresentou-se a Chico Xavier dizendo que ditaria alguns livros e este quis saber quem era ele.

Como resposta, o espírito perguntou: - “Como é o nome da pessoa que dorme no quarto ao lado?” Referia-se ao meio-irmão de Chico.
- “André Luiz”, respondeu o médium.

- “Então, doravante será este o meu nome”.

Nunca, jamais, revelou seu verdadeiro nome a alguém. André Luiz é um pseudônimo, ou seja, um nome falso usado para assinar sua obra. Ele relata no livro "Nosso Lar" que sua última encarnação foi no Rio de Janeiro, começo do século XX, na figura de um bem sucedido médico

sanitarista. Fala-se em Osvaldo Cruz, Carlos Chagas ou Faustino Esposel. Ao que consta, ainda não reencarnou.

A história pessoal de André Luiz é retratada de forma nebulosa, confusa, tramada para despistar. O objetivo era e continua sendo o anonimato. André Luiz, acima de qualquer especulação, desejou se manter invisível por trás da notícia consoladora que trazia do além-túmulo.

Difícilmente saberemos quem foi realmente este Espírito, caso ele jamais revele sua identidade. Existem pistas relevantes, mas a palavra final deve ser dele mesmo.

Emmanuel, no prefácio de "Nosso Lar", explica os motivos que levaram André Luiz a encobrir sua verdadeira identidade: "Por vezes, o anonimato é filho do legítimo entendimento e do verdadeiro amor. André precisou, igualmente, cerrar a cortina sobre si mesmo. É por isso que não podemos apresentar o médico terrestre e autor humano, mas sim o novo amigo e irmão na eternidade. Por trazer valiosas impressões aos companheiros do mundo, necessitou despojar-se de todas as convenções, inclusive a do próprio nome, para não ferir corações amados, envolvidos ainda nos velhos mantos da ilusão. Os que colhem as espigas maduras, não devem ofender os que plantam a distância, nem perturbar a lavoura verde, ainda em flor".

Resumindo, o que Emmanuel quis dizer é que familiares de André Luiz permaneciam encarnados na Terra e que, por professarem outros credos que não o Espiritismo, ou por não professarem credo algum, ainda não se encontravam aptos a assimilar a sua nova realidade espiritual.

O fato é que, estimado de menos ou então estimado demais, a imagem ostentada em vida poderia de fato ofuscar o brilho da mensagem que trazia aos encarnados. Afinal, André Luiz mudara completamente seu modo de ser e pensar. Tinha agora outros ideais, outros sonhos, outros objetivos.

O mais relevante foi e continua sendo a mensagem que André Luiz trouxe aos encarnados, a aguardada notícia da continuidade da vida para além da matéria frágil e perecível. Por mais de quarenta anos, André Luiz trabalhou ativamente junto a Seara Espírita, estimulando a excelência e clareando caminhos.

Manteve-se fiel ao desejo de servir sem prêmios, atento que estava ao compromisso com a verdade. Derramou desta forma bênçãos em forma de livros, sem curvar-se à curiosidade geral. O que importava mesmo, de fato, era o que tinha a dizer, de espírito a espírito. E disse:

"Quero trabalhar e conhecer a satisfação dos cooperadores anônimos da felicidade alheia. Procurarei a prodigiosa luz da fraternidade através do serviço às criaturas, olvidando o próprio nome que deixo para

trás por amor a Deus e a elas. Revisto-me transitoriamente de outra personagem para melhor ensinar e amparar. Sou André Luiz."

“Ação e Reação” é o nono livro da Coleção “A Vida No Mundo Espiritual”.

Emmanuel nos informa que este livro foi escrito por André Luiz para contribuir com as homenagens aos “Cem anos da Doutrina dos Espíritos”, que veio à luz em 1857, com o lançamento de *O Livros dos Espíritos*, de Allan Kardec, em Paris.

Ainda, segundo Emmanuel, encontramos vários ensinamentos neste livro e seu objetivo maior é nos revelar uma nesga das regiões inferiores, onde nos projetamos após a morte, quando possuímos a consciência culpada.

Essa região nada mais é do que o reflexo de nós mesmos, quando, pelo relaxamento e pela crueldade nos entregamos à prática de ações deprimentes, que nos constroem em temporária segregação, devido aos nossos próprios erros.

Mostra-nos a importância da existência carnal como verdadeiro favor da Misericórdia Divina, cujo objetivo maior é nos fazer compreender o mecanismo da Justiça do Pai, que não falha e funciona com igualdade para todos.

A consciência culpada, após a morte entra em uma faixa vibratória de grande sofrimento, que pode durar muitos anos. Cessada a febre de loucura e rebeldia, o Espírito culpado volta-se ao remorso e à penitência. Acalma-se e pouco a pouco, vai se tranquilizando para abraçar, por fim, as responsabilidades que criou para si mesmo. E então, como solo que regressa ao serviço da plantação proveitosa, submete-se de novo à sementeira renovadora dos seus destinos.

Este livro narra a passagem de André Luiz e Hilário na “Mansão da Paz”, situada no Umbral, para aprendizado ou complementação referente à Lei de Causa e Efeito, através de exemplos vivos que lhes são apresentados por Druso, o diretor da Colônia, e por seu assistente, o jovem Silas.

A Lei de Causa e Efeito nos diz que para todo efeito existe uma causa e não há causa sem efeito.

Tem um caráter moral e também físico; através desta lei, Deus nos torna responsável por todos os nossos atos livremente cometidos. Na prática, tudo o que fazemos retorna a nós mesmos, e retorna de maneira automática. A Lei não tem, como muitos pensam, um caráter punitivo, mas sim uma ação educadora, no sentido de fazer que reconheçamos o nosso erro e indica-nos o melhor caminho para o acerto.

A “Mansão da Paz” recebe Espíritos infelizes ou enfermos, decididos a trabalhar pela própria regeneração, criaturas que se elevarão a Colônias de aprimoramento na vida superior ou que retornarão a Terra para nova encarnação retificadora.

No exterior da Colônia ocorrem, diuturnamente, espessas tempestades magnéticas, de consistência parecida a barro esfarelado e dentro das quais rostos humanos surgem com lamentos de horror, dementes e cruéis, agarrados ferozmente uns aos outros em desesperada tentativa de equilíbrio e salvação.

No entanto, apesar da compaixão que André Luiz experimentava, Druso explicava-lhe que eles não podiam ainda ser acolhidos à Mansão devido à sua extrema rebeldia e ferocidade. Eram criaturas cruéis que ainda odiavam e aniquilavam, mordendo e ferindo. Alguns viviam ali por séculos. Acolhe-los "seria como soltar um tigre selvagem em um templo, onde fiéis oravam pacificamente".

Druso disserta sobre a situação espiritual que nos aguarda após a saída do corpo físico. Cada alma cria na própria consciência os créditos e os débitos que lhe darão, inevitavelmente, as alegrias e as dores, as facilidades e os obstáculos do caminho.

Quanto maior nosso conhecimento, mais responsabilidade em nossas ações. Pelos nossos pensamentos, palavras e atos que fluem invariáveis do coração, gastamos e transformamos constantemente as energias em nossa viagem evolutiva. A vida organiza, em nós mesmos, a nossa conta agradável ou desagradável ante as leis do destino.

Portanto, ao nos desligarmos do corpo físico, permanecemos ligados às nossas obras. Os nossos atos são os instrumentos através dos quais construiremos as asas que nos alçarão à vitória, à liberdade ou que nos levarão às algemas do cativo e a nossa perda.

Encontraremos diversos casos de regresso ao plano material com o sincero objetivo de corrigir os enganos cometidos em encarnações passadas.

Entre eles, temos o relato sobre “Antônio Olímpio e os irmãos Clarindo e Leonel”... “O caso de Silas, Aída e Armando...”

Lendo “Ação e Reação” vamos entender que o Plano Espiritual reúne Espíritos reciprocamente faltosos numa mesma família, a fim de que, em conjunto, refaçam o que destruíram no passado e tenham a grande oportunidade de restabelecerem, por fim, laços de fraternidade e amor.

As possibilidades de hoje nos vinculam às sombras de ontem, exigindo-nos trabalhos infatigáveis no bem, para a construção do amanhã, sobre as bases redentoras do Cristo.

Há uma íntima relação entre os nossos atos e o nosso destino. Sofremos em nós mesmos os acontecimentos da nossa vida, a

repercussão do nosso proceder. A nossa atividade, sob todas as suas formas, cria elementos bons ou maus, que recaem sobre nós em chuvas, em tempestades ou em alegres claridades.

A ação do mal pode ser rápida, mas ninguém sabe quanto tempo exigirá o serviço da reparação, indispensável ao restabelecimento da harmonia soberana da vida, causada por nossas atitudes contrárias ao bem.

A ninguém devemos o destino senão a nós próprios. O Homem constrói seu próprio futuro. Até agora, na sua incerteza, na sua ignorância, ele o construiu tateando e sofre a sua sorte sem poder explicá-la. Não tardará o momento em que, mais bem instruído, informado, consciente e responsável, compreenderá a beleza da vida, que reside no esforço corajoso e dará a sua vida, um impulso mais nobre e elevado.

A reencarnação não é um processo punitivo; é manifestação da Misericórdia Divina. Não reencarnamos somente por sermos devedores, mas, acima de tudo, porque a vida na matéria significa oportunidade de crescimento em todas as latitudes espirituais. A evolução é lei divina e, por isso, imperiosa. Sofremos vez ou outra, pela causa que abraçamos e não somente por causa de alguma violação às leis divinas.

Nem todo sofrimento significa erros e transgressão às leis de Deus. No Evangelho é narrado o caso do cego de nascença, mas ele era isento de culpa. A causa da sua desdita estava no seu desejo de cooperar com a causa de Jesus.

O sofrimento é gerado pelos nossos equívocos, e não serve como resgate. Ele serve como instrumento para despertar o Espírito. É o primeiro passo, que vai levá-lo à conscientização do erro, ao remorso. Mas não basta. Não é suficiente. É preciso emergir do sofrimento para a sementeira reparadora. Ou seja, é preciso dar início ao processo de reparação que o recolocará no caminho da evolução. Não basta sofrer. É preciso construir, aprender a valorizar o bem, vivenciando as consequências do mal que praticaram.

Se a dor corrige o passado e nos adverte no presente, também poderá estar construindo o nosso futuro. É a dor a serviço da evolução de todos nós, Espíritos imperfeitos.

Em resumo, responsabilidade é a palavra chave. Nós devemos usar nosso livre-arbítrio de forma sábia e ponderada.

André Luiz nos diz: *“Em você existe as causas da sua derrota e vibram as forças do seu triunfo”*.

Rita de Cássia Teixeira de Azevedo

Palestra proferida em 06 de abril de 2015,
na Instituição Beneficente “A Luz Divina”,
no 29º Simpósio Espírita.